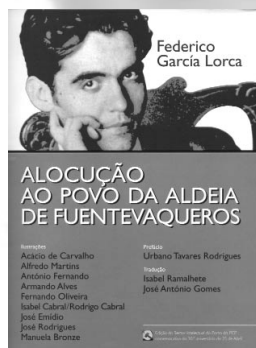


ALOCUÇÃO AO POVO DA ALDEIA DE FUENTEAQUEROS

**Lorca, o livro e as bibliotecas:
a propósito da edição da obra
"Alocução ao povo da aldeia
de Fuentevaqueros"**



Federico Garcia Lorca nasceu em 5 de Junho de 1898 na aldeia de Fuentevaqueros, próximo de Granada, «entre naranjos e olivos».

Aí passou a sua infância e princípios da adolescência, filho de mãe professora e pai proprietário, pais liberais e cultos, da velha cepa andaluza.

«Toda a minha infância é aldeã: pastores, campo, céu, solidão», dirá mais tarde.

Contactos intensos com o povo e a natureza marcam esses dias, mas também a música e a poesia, por influência da mãe – em especial as cantigas populares, o folclore andaluz.

Aprende piano, guitarra, solfejo, sobretudo desde que passa a viver em Granada (1909).

Em 1914 matricula-se nas Faculdades de Letras e Direito de Granada, em 1916 começa a descobrir a Espanha, realizando diversas viagens pelo país. Na Universidade conhece o músico Manuel de Falla e Fernando de los Rios, famoso teórico do socialismo, professor de Direito, que o acompanhará em momentos decisivos do seu percurso.

Também por essa altura a literatura passa a fazer parte da sua vida: publica *Impressões e viagens* (1918) e escreve os primeiros versos.

A partir de 1918 (e até 1927) instala-se em Madrid, na famosa "Residência de Estudantes", uma espécie de colégio (à inglesa), de espírito liberal, amplamente aberta às ideias e às estéticas novas, onde se reúne o que de melhor haverá na futura elite cultural de Espanha.

Convive com Guillermo de Torre, Luis Buñuel, Dali, Rafael Alberti, Gregório Prieto, Jorge Guillen, Vicente Aleixandre, Luis Cernuda e muitas outras figuras de relevo, algumas das quais constituirão, na poesia, a Geração de 27 e criarão o surrealismo espanhol.

Com o seu enorme talento de poeta, de recitador e de músico, Lorca exerce grande fascínio sobre todos quanto o rodeiam.

Em 1921 é publicado seu *Livro de Poemas*, em 1922, com Falla, organiza a festa do *cante jondo*, para salvar essa grande tradição poética espanhola de origem cigana.

Em 1923 (Set.) tem início a ditadura de Primo de Rivera, o que está na origem de movimentos oposicionistas de intelectuais liberais, entre os quais se conta Federico, que vai escrevendo poesia, o seu *Romancero gitano*, as primeiras peças de teatro.

Passa pela Catalunha em 1928, onde sopra mais livremente o vento das ideias novas. Aí é representada pela primeira vez *Mariana Pineda*, peça inspirada numa heroína granadina, e que no ano seguinte será estreada em Granada.

Em 19 de Maio de 1929, depois da realização de um recital de poesia no Alhambra Palace (Granada), é homenageado com um grande banquete na sua aldeia natal, Fuentevaqueros, orgulhosa do seu poeta e dramaturgo.

No discurso de agradecimento às palavras do *alcalde*, Lorca propõe a criação de uma biblioteca popular em Fuentevaqueros.

Em Julho desse ano parte para Nova Iorque, onde irá frequentar a Columbia University, aí conhecendo alguns grandes intelectuais e poetas espanhóis exilados, caso de Leon Felipe, contactará os emigrantes, descobrirá o jazz mas também o lado mais sombrio do capitalismo norte-americano, o que marcará fortemente a sua visão da vida, da sociedade.

Escreve febrilmente – assim surgirá o *Poeta em Nova Iorque* – visita Cuba, de que também se encontram fortes sinais na sua obra e, em Julho de 1930, regressa a Espanha.

Encontra o seu país em plena efervescência política. Primo de Rivera já se tinha

retirado, a monarquia entra em profunda crise, os democratas preparam activamente o restabelecimento da república, Unamuno tem um regresso triunfal.

Em 14 de Abril de 1931, após as eleições municipais, é proclamada a 2.ª República, festejada com imensa e espontânea alegria pela esmagadora maioria da população espanhola.

No princípio de Setembro, Federico desloca-se a Fuentevaqueros (que tinha atribuído o seu nome à rua onde vivera em criança) animado por um motivo muito especial: inaugurar a biblioteca pública cuja criação, como vimos, tinha recomendado 2 anos antes.

A memória desse acontecimento ficou perpetuada pela *Alocução* que Lorca dirigiu aos seus concidadãos, escrita propositadamente para o acto e cujo manuscrito se manteve inédito até 1986, data em que foi editado pela primeira vez quando a Espanha assinalava o 50.º aniversário do seu assassinato.

Com efeito, logo no início da sua intervenção Lorca diz que vai ler o que entende querer transmitir aos seus queridos conterrâneos e amigos porque palavras leva-as o vento...: «a expressão escrita é muito mais duradoura, muito mais firme e pode servir de lição às pessoas que não ouvem ou não estão presentes».

Depois de saudar efusivamente o seu povo – pode dizer-se que há um acentuado bairrismo nas palavras que profere – o poeta aborda o tema dos livros e da sua importância social e cultural:

Disse então:

«Nem só de pão vive o homem. Eu, se tivesse fome e estivesse desvalido na rua, não pediria pão: pediria meio pão e um livro. E ataco aqui violentamente aqueles que falam unicamente de reivindicações económicas sem nomear jamais as reivindicações culturais que é o que

as aldeias pedem em gritos. Está bem que os homens comam, mas que todos os homens tenham saber! Que gozem todos os frutos do espírito humano porque o contrário é convertê-los em escravos de uma terrível organização social.

Eu tenho muito mais pena de um homem que quer aprender e não pode, que de um faminto. Porque o faminto pode acalmar facilmente a fome com um pão ou com fruta, mas o homem que tem ânsia de saber e não tem meios sofre uma terrível agonia porque são livros, muitos livros, aquilo de que necessita, – e onde estão esses livros?

Livros! Livros! Aqui está uma palavra mágica que equivale a dizer: "amor, amor", e que as aldeias deviam pedir como pedem pão ou como anseiam pela chuva para as suas sementeiras. Quando o insigne escritor russo, Fedor Dostoiévsky, muito mais pai da revolução russa do que Lenine, estava prisioneiro na Sibéria, afastado do mundo, entre quatro paredes e cercado por planícies desoladas de neve infinita, e pedia socorro por carta à sua família distante, dizia apenas: "Enviem-me livros, livros, muitos livros para que a minha alma não morra!" Tinha frio e não pedia lume, tinha sede e não pedia água, pedia livros, o mesmo é dizer horizontes, é dizer escadas para subir ao cume do espírito e do coração. Porque a agonia física, biológica, natural, de um corpo, provocada pela fome, sede ou frio, dura pouco, muito pouco, mas a agonia da alma insatisfeita dura toda a vida».

Lorca evoca depois Menéndez Pidal, para quem o lema da República devia ser: «"Cultura"! Cultura, porque só através dela se podem resolver os problemas com que hoje se debate o povo cheio de fé, mas falto de luz».

E continua:

«Por isso não imaginais a enorme alegria

que sinto por poder inaugurar a biblioteca pública de Fuentevaqueros! Uma biblioteca que é uma reunião de livros agrupados e seleccionados, que é uma voz contra a ignorância; uma luz perene contra a obscuridade.»

Logo a seguir afirma que «O livro é sem discussão a obra maior da humanidade», realçando a influência que os livros, produzidos com grande esforço, tantas vezes dor e sangue, exercem, exerceram e exercerão sobre a humanidade.

A propósito cita Voltaire: «Todo o mundo civilizado se governa por alguns livros: a *Bíblia*, o *Corão*, as obras de Confúcio e Zoroastro. Tudo vem dos livros.

A Revolução Francesa sai da *Enciclopédia* e dos livros de Rousseau, e todos os actuais movimentos sociais comunistas arrancam de um grande livro: *O Capital* de Karl Marx».

Encanta depois os seus conterrâneos com a sua enorme erudição, contando a maravilhosa história do livro desde as origens mais remotas – os livros escritos na pedra pelos primeiros homens – até esse grande livro diário que é a imprensa periódica, «esse livro aberto que chega com odor a inquietação e reflecte as pulsações do coração unânime do mundo».

Nesta incursão pela história do livro não esquece o papel dos mosteiros medievais que, no seu dizer, salvaram a humanidade, já que souberam preservar a cultura, o pensamento, as mais belas obras.

E retenho, pela sua grande beleza e emoção, as palavras que dedica à enorme importância que teve para a humanidade a invenção da imprensa: «Então, os livros antigos, aqueles de que sobraram um ou dois exemplares de cada, juntaram-se às portas das oficinas de impressão e às portas das casas dos sábios pedindo aos gritos para serem publicados, serem

traduzidos, serem expandidos por toda a superfície da terra.

É este o grande momento do mundo.

É o Renascimento. É a alba gloriosa das culturas modernas com as quais vivemos.»

Volta seguidamente a repisar a importância de que se revestirá a existência de uma biblioteca, por pequena que seja, na sua aldeia.

Mas a biblioteca precisa de livros, de quem lhes proporcione: «e dirijo-me aos que têm fortuna, pedindo-lhes que ajudem esta obra, que dêem dinheiro para comprar livros como é sua obrigação, como é seu dever. Aos que não têm meios, que corram a ler, que corram a cultivar a sua inteligência como único meio de libertação económica e social. É preciso que a biblioteca se alimente de livros novos e novos leitores».

E repete, com grande insistência: «Livros! Livros! É preciso que à pequena biblioteca de Fuentevaqueros comecem a chegar livros».

A ideia de Lorca quanto aos critérios da constituição das colecções de uma biblioteca será a mesma que a Unesco consagrará em 1949, no seu Manifesto sobre as bibliotecas públicas, que hoje em dia constitui a verdadeira essência da leitura pública: as bibliotecas devem ser ecléticas, pluralistas relativamente às suas aquisições de livros e de outros documentos.

É isso que diz Lorca na sua alocução:

«Livros de todas as tendências e com todas as ideias. Tanto as obras divinas, iluminadas, dos místicos e dos santos, como as obras inflamadas dos revolucionários e dos homens de acção. Que se defrontem *O Cântico Espiritual* de San Juan de la Cruz, obra cimeira da poesia espanhola, e as obras de Tolstói; – que se olhem de frente *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho e *Zaratustra* de Nietzsche ou *O Capital* de Marx.

Porque, queridos amigos, todas estas obras estão de acordo num ponto: o amor à humanidade e a elevação do espírito e, no final, todas se confundem e abraçam num ideal supremo».

De qualquer modo os livros existem para serem lidos, por isso Lorca convoca os conterrâneos à sua utilização: «E leitores! Muitos leitores! Cada um pegará no livro que puder, que sempre lhe será proveitoso, e para alguns, absolutamente salvador. Esta biblioteca tem de cumprir um fim social, porque se cuidar e der alento ao número de leitores, e pouco a pouco se for enriquecendo com obras, dentro de alguns anos já se notará na aldeia, não tenhais dúvida, um maior nível cultural.»

Lorca termina o seu discurso com grande fervor revolucionário: é um firme partidário da República e tem fortes opiniões anticapitalistas, como escreveu o seu biógrafo Ian Gibson.

Acredita que a sociedade sem classes se encontra ali, ao dobrar da esquina, mas para que tal se torne verdadeiramente uma realidade é fundamental a cultura: «agora que a humanidade tende para o desaparecimento das classes sociais tal como estavam instituídas, precisa de um espírito de sacrifício e abnegação em todos os sectores para intensificar a cultura, única salvação dos povos.

E sabe, desde já, que os avanços sociais e as revoluções se fazem com livros. E que é preciso que os povos leiam para que aprendam não só o verdadeiro sentido da liberdade, mas também o sentido actual da compreensão mútua e da vida.»

Lorca sabia e afirmava convictamente que a batalha talvez mais importante que a 2.ª República teria que travar seria a da cultura e do ensino, tão grande era o atraso da Espanha naqueles domínios. Numa população de 20 milhões de habitantes, quase 33% eram analfabetos.

Seria necessário criar mais de 27 mil novas escolas para combater esta situação e o governo da 2.^a República de imediato deu início a essa campanha decisiva.

Como vimos, Lorca era um firme partidário da República, acreditava na sociedade sem classes e para a ajudar a criar, enfrentando embora a forte oposição da Igreja, ciosa dos seus privilégios, e das forças mais conservadoras, teria que verificar-se um enorme esforço cultural.

Uma das armas a que Lorca recorreu para travar tal combate foi a da criação da companhia teatral itinerante "A Barraca" que levou com enorme sucesso as peças dos grandes dramaturgos espanhóis a todos os cantos do país.

Igualmente proferiu conferências sobre temas culturais e literários nos mais variados locais para que foi solicitado.

Continuou a escrever e a publicar, poesia e teatro: *Poeta em Nova York*, *Bodas de sangue*, *Yerma*, *6 poemas galegos*, *Pranto por Ignacio Sanchez Mejias*, *Dona Rosita*, *A casa de Bernarda Alba* e *Sonetos do amor obscuro*, que surgirá postumamente.

Realiza uma grande e apoteótica digressão pela Argentina, enquanto o clima político em Espanha se adensa.

O governo Azaña, do qual fazia parte o seu amigo Fernando de los Rios, é derrubado por uma coligação de direita, que governará o país durante 2 anos no meio de crescente agitação social. É o chamado "biénio negro", de que se recorda p. ex. a feroz repressão da revolta dos mineiros asturianos (1934).

Mas Lorca continua a defender que o teatro tem um papel a desempenhar na educação do povo. Revoltado pela injustiça social diz numa entrevista ao jornal "O Sol": «Estou e estarei sempre ao lado dos pobres» (Dez. 1934).

Em Fevereiro de 1936 a esquerda retoma o poder, constituindo a Frente Popular. Mas por pouco tempo: as paixões políticas

estão no auge. Sucedem-se atentados fascistas, reacções populares, greves, igrejas incendiadas, excessos e desvarios, de parte a parte.

Lorca procura refúgio em Granada no momento em que emerge o movimento franquista.

Em vão: preso em 17 de Agosto no Governo Civil, é friamente executado na madrugada de 19, junto a uma ravina da Serra Nevada, próximo de um local chamado Fonte das Lágrimas: «Los dos rios de Granada, uno llanto y otro sangue», tinha escrito um dia.

Porque foi tão cobardemente assassinado Federico, que nunca tinha pegado numa arma, que apenas dizia pertencer ao partido dos que nada têm?

Recorreu, sempre, sim, à palavra, à escrita, à intervenção cultural para transmitir os seus ideais.

Foi assassinado porque era um homem livre, um crítico acerbo da sociedade do seu país, porque era um republicano conotado com os "rojos", um homossexual. Porque era um escritor comprometido com o seu povo, apenas e só.

É também por essa razão, para além da sua imensa qualidade literária, que os seus livros ficarão para sempre, como ele premonitoriamente tinha intuído naquele acto de fé no valor do livro e na importância das bibliotecas que constitui a *Alocução* que hoje aqui nos reúnem:

«Os livros foram perseguidos por toda a espécie de Estados e de religiões, mas isso não significa nada em comparação com o que foram amados.

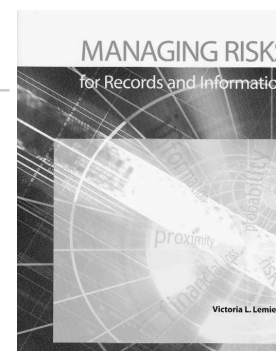
Porque, contra o livro, as perseguições de nada servem. Nem os exércitos, nem o ouro, nem as chamas podem nada contra ele; porque podeis fazer desaparecer uma obra, mas não podeis cortar as cabeças que aprenderam com ela, porque são mil e, se são poucas, não sabeis onde estão...

E doa a quem doer, as bibliotecas inundam o mundo.»

Henrique Barreto Nunes

* Texto lido em 25-5-2004 na Livraria 100.^a Página (Braga) na sessão de apresentação do livro de Federico García Lorca, "Alocução ao povo da aldeia de Fuentevaqueros", traduzido por Isabel Ramalhete e José António Gomes, prefácio de Urbano Tavares Rodrigues e ilustrações de 10 pintores do Porto.

Lorca, Federico Garcia – *Alocução ao povo da aldeia de Fuentevaqueros*. Porto: Sector Intelectual do Porto do PCP, 2004. ISBN 972-98553-2-3



MANAGING RISKS FOR RECORDS AND INFORMATION

Foi divulgada recentemente, na Biblioteca Nacional, a publicação, pelo Instituto Português de Qualidade, da tradução portuguesa da Norma ISO 15489, correspondente à NP 4438 *Informação e documentação: gestão de documentos de arquivo*, Parte 1 *Princípios directores* e Parte 2 *Recomendações de aplicação*. Salientou-se, então, que o risco era um factor a ter em conta na gestão de documentos.

Seguindo a reflexão de Vickie L. Lemieux, no seu livro *Managing risks for records and information* que aqui se apresenta, o risco é uma componente da vida que os seres humanos aprenderam a compreender e a avaliar no processo de tomada de decisões, durante o qual se ponderam as consequências. Arriscar deriva do italiano *risicare*, ou seja, ousar. Neste sentido, o risco é mais uma escolha do que uma fatalidade. De uma prática a ciência ou disciplina, a gestão do risco tornou-se uma das competências mais importantes nas empresas e em outras organizações. É, no entanto, relativamente recente, no domínio da gestão da informação e dos documentos de arquivo. Mesmo quando considerada neste domínio, a gestão do risco incidiu habitualmente na avaliação e gestão das ameaças aos documentos de arquivo e à informação, no âmbito de procedimentos de segurança

enquadrados pela área das tecnologias da informação ou de exercícios de planeamento da continuidade do negócio das organizações. Neste livro, amplia-se visão da gestão do risco. São três os objectivos principais:

- 1 – Comunicar ideias chave sobre gestão do risco aos arquivistas e profissionais da informação.
- 2 – Sensibilizar estes profissionais e outros leitores sobre os riscos que se colocam à informação e aos documentos de arquivo, e encorajá-los a assumirem uma abordagem mais coordenada e de conjunto à gestão de tais riscos nas suas organizações.
- 3 – Apresentar uma metodologia para avaliar os riscos relacionados com informação e documentos de arquivo.

Prevendo-se que uma percentagem crescente do orçamento das organizações seja dedicada, na área das tecnologias da informação, à gestão do risco, o livro assume-se também como um instrumento de consciencialização do potencial que gestores de informação e de documentos de arquivo detêm neste domínio.

«As a result, they risk extensive penalties for non-compliance with recordkeeping regulations, a tarnished reputation, and possible legal liability.» O texto está organizado em duas partes. A primeira, relativa às "Metodologias – Identificação de Risco", incide sobre as normas de gestão de risco e os estudos de especialistas. A segunda, sobre "Gestão de Risco na Informação e nos Documentos de Arquivo", cobre, num nível diferenciado e selectivo, tópicos habituais da gestão de risco. São analisadas questões como a acessibilidade dos documentos, a pertinência dos dados, a credibilidade da informação e a integridade dos documentos de arquivo e da informação. Abordam-se e diferenciam-se os riscos, para as organizações, de uma gestão de documentos que não os considere: multas, reputação manchada, responsabilidade legal.

Os quatro anexos incluem (A) a indicação comentada de bibliografia (B) um glossário de termos, a maioria dos quais ligados à gestão